



Redes de circulação entre manivas e mulheres nos rios da bacia do Rio Negro

Lorena França¹

Resumo

Na bacia do Rio Negro, paisagem etnográfica de povos indígenas multiétnicos, existe um sistema agrícola de rica agrobiodiversidade, do qual foram identificadas mais de 300 espécies cultivadas e mais de centena de variedades da *maniot esculenta*, a mandioca brava, principal expoente do cultivo local. O sistema pressupõe uma rede de trocas de manivas – nome dado à parte aérea da planta que possibilita a sua reprodução por clonagem –, efetivada principalmente por mulheres. Tal como já argumentado por Chernela (1986), “as alianças matrimoniais criam canais que possibilitam a troca de cultivares de mandioca na bacia do Uaupés”. Onde prevalece a regra de virilocalidade, as manivas são doadas pela mãe e viajam, assim, pelo território com as mulheres. Em outros casos, as mulheres iniciam suas roças com as manivas recebidas de sua sogra, e depois incrementam com as manivas de sua mãe, de parentes consanguíneos ou de afins. As visitas a outras comunidades incluem passeios nas roças de outrem e constituem momentos oportunos de receber exemplares de manivas ainda desconhecidas. O interesse em aumentar a própria coleção é guiado pelo valor de ‘beleza’ de uma roça, posto que uma roça bonita é sempre capinada e com grande variedade de manivas. Cada mulher é a “dona da roça” responsável por cuidar e alimentar suas manivas, estabelecendo uma relação de consanguinidade com essas plantas. Neste trabalho, atualizo a discussão levantada por Chernela e desenvolvida por Emperaire (2010, 2019) com dados de agrobiodiversidade produzidos durante minha pesquisa de doutorado, expostos em duas redes moduladas a partir do programa computacional *Pajek*. Na primeira, as 150 variedades de manivas identificadas estão em relação com os quatro locais da pesquisa etnográfica no Alto Rio Negro, a saber: uma comunidade no rio Uaupés, duas no rio Negro, uma no rio Içana e uma no rio Aiari. Observar as manivas compartilhadas por duas ou mais calhas de rio ajuda a refletir sobre as dinâmicas de relações entre as regiões que compõem o Alto Rio Negro. A segunda rede apresenta uma aproximação dos dados por cada comunidade/rio. Como podem ser percebidas as circulações de maniva entre as mulheres doadoras? Notamos que as mulheres que possuem mais variedades de manivas em suas roças são aquelas que estabelecem quantidade mais expressiva de relações sociais. Neste

¹ Doutoranda no Programa de Pós Graduação de Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina.

trabalho, o parentesco não é objeto de análise em primeiro plano, mas se inscreve como pano de fundo das relações que orientam as trocas de cultivares.

Introdução

Esse trabalho se inscreve como parte das reflexões desenvolvidas na minha pesquisa de doutorado em andamento, cuja tese tem o título de “Comidas, Plantas e Pessoas entre os povos indígenas do Rio Negro”. A pesquisa busca evidenciar os conhecimentos e técnicas empreendidos na produção alimentar que estão interligados com os cuidados de plantas e de pessoas nessa região do noroeste amazônico, estado do Amazonas, Brasil. A comida e os cuidados da roça são produzidos pelas mulheres que efetuam uma transmissão de conhecimentos e práticas, cruzando e misturando grupos exogâmicos, num eixo horizontal, o que se contrasta com os conhecimentos masculinos associados aos clãs (dos grupos tukano) ou fratrias (dos grupos aruak), em que se incluem questões relativas a hierarquia, descendência, nomes, etc, conformando um eixo vertical. Assim, uma das contribuições da tese é refletir como a alimentação produz relações a partir da via matrilinear, dentro de um sistema de parentesco marcadamente patrilinear.

Dentro desse escopo da tese, além de olhar para as regras de comensalidade e para as técnicas empreendidas na produção dos itens alimentares, observo também como as mulheres cuidam de seus roçados, onde há uma riqueza de cultivares e notadamente uma impressionante variedade da *Manihot esculenta*, a mandioca brava, principal expoente do cultivo local.

O conjunto dos povos do Rio Negro, que totalizam 23 etnias de 3 famílias linguística distintas, foi caracterizado como uma grande área cultural (S. Hugh-Jones 1979; Ribeiro 1995; Lasmar 2005), com similaridades na cosmologia e na vida social dos grupos que aí habitam. Dentre as características comuns aos grupos indígenas do Rio Negro está a regra de casamento exogâmico, partilhada pela maioria deles. Os povos tukano do Uaupés seguem a exogamia linguística e entre os povos aruak (Barés, Baniwa e Corripaco) a exogamia se dá entre fratrias. Partilham também artefatos, sementes, manivas, modos de cuidar da roça, aspectos cosmológicos, instrumentos rituais (flautas e jurupari) e as cerimônias de trocas entre grupos afins (*dabucuris/ póose/ pudali*) que também intensificam a conformação de um grande “sistema” cultural rionegrino. Utilizo aqui a noção de sistema tal como formulado por Stephen Hugh-Jones (1979) na conclusão de sua pesquisa etnográfica no Uaupés colombiano, que

destaca essa configuração interligada dos povos do Rio Negro e inspira o desenvolvimento de minha tese:

“Estou convencido de que um entendimento adequado dos índios do noroeste amazônico só será possível quando os diferentes grupos sociolinguísticos ou ‘tribos’ forem vistos como parte de um *sistema regional aberto* que atravessa fronteiras linguísticas e culturais, e quando suas diferenças culturais forem compreendidas como variações de um modelo comum” ([1979]2013: 304, destaque meu, tradução da obra em espanhol).

Considero que, para o meu problema de pesquisa, baseado num conjunto de práticas e conhecimentos partilhados por vários grupos do Rio Negro, fez-se necessária uma abordagem distinta daquelas que segmentam o Rio Negro em grupos exogâmicos. Assim, escolhi desenvolver uma etnografia em diferentes localidades, em quatro calhas de rio do Alto Rio Negro: baixo rio Uaupés, baixo rio Içana, alto rio Aiari e no curso alto rio Negro, abarcando predominantemente grupos tukano (Tukano e Desano), Baré e Baniwa.

Trocas de manivas – relações de parentesco

Dentre as características comuns aos grupos indígenas do Rio Negro está a regra de casamento exogâmicos, partilhada pela maioria deles. Os povos do Uaupés praticam a exogamia linguística, idealmente, e entre os povos aruak, onde se incluem os Barés, os Baniwa e os Corripaco, a exogamia se dá entre fratrias. Apresento esse destaque aqui para reforçar o princípio de troca entre grupos afins, que foi razoavelmente analisado através dos rituais denominados *dabucuri* (em nhengatu), *pudali* (em baniwa), *póose* (em tukano) e *food-giving-house* na obra de Stephen H-J, e que contribui significativamente para a formação do sistema regional do Rio Negro.

Em meio às trocas estabelecidas entre os grupos exogâmicos, estão precisamente a permuta de variedades de plantas e os conhecimentos associados ao cultivo, sendo a mandioca o elemento estruturante do sistema agrícola e alimentar da região (Emperaire 2008; Chernela 1986; Ribeiro 1995; Rival, 2001). Foram encontradas na região do Rio Negro cerca de 140 tipos de manivas e 250 espécies de cultivares selecionados e domesticados ao longo do tempo pelas agricultoras e agricultores indígenas, destacando a região como um grande foco de

agrobiodiversidade². Janet Chernela foi pioneira ao evidenciar que a partir da regra de patrilocalidade, na qual a mulher se muda para a aldeia do marido, ocorre esse fluxo intenso de trocas de espécies e variedades vegetais:

A grande maioria dos cultivares de mandioca foi introduzida por intermédio da mãe ou da irmã da esposa de um membro da tribo, para cuja aldeia ela se transfere, ao casar. (...) as alianças matrimoniais são, portanto, o veículo mediante o qual a mandioca viaja pela bacia do uaupés e as mulheres são a trama que enlaça unidades tribais distintas (Chernela [1986]1997: 178).

Laure Empeaire & Ludvine Eloy (2008: 206) atualizam o que Chernela apontou décadas antes, argumentando como a rede entre as mulheres desencadeia essa permuta de plantas cultivadas:

A alta diversidade levantada resulta fluxos intensos de plantas, principalmente entre mulheres. Os fluxos de plantas materializam relações sociais. Em qualquer ocasião, sementes e mudas circulam. Uma visita a um familiar ou a uma vizinha, uma viagem para uma festa religiosa são ocasiões de dar uma volta nas roças com a sua dona, e de solicitar manivas³ ou outras plantas. (...) Dar sementes ou mudas é uma obrigação da qual ninguém pode subtrair.

Os produtos que vem das roças e dos quintais são transportados e processados nas casas de forno a partir uma gama complexa de objetos e artefatos, dentre eles o *waturá*, o tipiti, o cumatá, o veado (suporte triangular usado na extração da goma), paneiro, peneira quadrada ou redonda, cocho de madeira, bacia de alumínio ou de plástico, forno, tarubá, abano, etc. Esses objetos conectam os espaços do Sistema Agrícola e as relações familiares durante as atividades

² Dados obtidos em Empeaire (org.), 2010 – Dossiê de registro do *Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro*. Embora a região tenha ganhado reconhecimento patrimonial por sua alta agrobiodiversidade, o número médio das variedades de manivas encontradas em cada roça (de 15 a 40) e a variedade total na bacia do Rio Negro certamente diminuiu nos últimos 10 anos. Considerações atuais sobre a perda dessa agrobiodiversidade podem ser encontradas em Empeaire (2014).

³ Maniva é a parte aérea (caule) da espécie *Manihot esculenta*, na linguagem local, e utilizada nesse texto; assim como mandioca é usada para designar a raiz comestível.

de trabalho. Além das funções práticas dos objetos, sua variedade de formas e usos sugere uma “coleção”, tal qual a coleção de manivas nas roças (Van Velthem 2012).

As mulheres também são as responsáveis, nesse sistema, pela elaboração de uma grande variedade de alimentos baseados principalmente nos produtos das roças e da pesca, mas também da carne de caça. Peixes moqueados ou cozidos em caldeirada ou desfiados na mujeca, beiju, curadá, as farinhas com sutis diferenças de uma localidade a outra, jiquitaia, carás e batatas cozidos, mingau de banana, de massoca ou de goma, vinhos de açáí ou de bacaba, caxiris de diferentes frutas, tubérculos e raízes - são nomes de apenas alguns pratos e ingredientes típicos da culinária rionegrina.

Todo esse conjunto de conhecimentos associados aos modos de fazer roça e de produzir alimentos, partilhado pelas etnias dessa grande área cultural, abrangendo desde Barcelos até os limites fronteiriços do Alto Rio Negro, foi reconhecido como patrimônio cultural do Brasil pelo IPHAN, em 2010. O *Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro* tem como uma de suas definições: “o conjunto de saberes, práticas, produtos e outras manifestações associadas que envolvem os espaços manejados e as plantas cultivadas, as formas de transmissão dos produtos agrícolas e os sistemas alimentares” (Emperaire, Van Velthem & Oliveira 2012: 142).

Conforme as diretrizes da Política de Patrimônio Imaterial⁴, após o reconhecimento legal do bem, prevê-se a etapa de salvaguarda, na qual são planejadas ações com o objetivo de assegurar condições materiais e sociais para sua manutenção e reprodutibilidade. Ao longo de 22 meses, na condição de consultora de patrimônio imaterial do IPHAN no Amazonas, pude colaborar com o processo de construção da salvaguarda do SAT-RN, percorrendo quase todas as áreas onde o bem cultural se manifesta e em contato com seus detentores: lideranças do movimento indígena do Rio Negro ou donas de roças e conhecedores das práticas tradicionais indígenas.

O sistema de plantio é conhecido como coivara, ou corte e queima, o mesmo praticado por vários povos na Amazônia. Para iniciar uma roça, há uma sequência de etapas mais ou menos comuns, praticadas pelas agricultores: 1) derrubam as árvores mais altas e antigas, formando uma clareira, delineando um espaço circular – trabalho normalmente feito pelos homens, em *ajuri* (mutirão); 2) esperam a vegetação secar; 3) colocam fogo na área; 4) esperam

⁴ A política é baseada no Decreto n. 3551/2000, que estabelece o instrumento legal “Registro” de cautela para os bens culturais reconhecidos de natureza imaterial e o país é signatário da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, da UNESCO, de 2003, que estabelece as diretrizes para as ações posteriores ao reconhecimento do bem cultural.

a terra esfriar e fazem a limpeza do terreno preparando os espaços de plantio; 5) iniciam o plantio ou da borda para o centro ou do centro para a borda, conforme a prática da dona da roça, com os clones das roças antigas. Uma roça rende em média três ciclos. No primeiro, corresponde à roça nova, com as manivas ainda baixas e suas raízes pequenas, no segundo é a roça madura, com raízes grandes e boas, e a presença de todos os cultivares bem crescidos e frutificados, tais como carás, batatas, cana, abacaxi, banana, pimentas. No terceiro ciclo, as manivas já foram replantadas duas vezes no mesmo local, de modo que há uma baixa na produção das mandiocas. As donas de roça preparam suas manivas, então, para serem transportadas para uma roça nova.

O sistema implica em um revezamento contínuo de áreas de plantio, de modo que um terreno, depois de cultivado por três ciclos, irá descansar idealmente por 12 a 15 anos, tornando-se floresta novamente. Numa fase intermediária, entre a roça recém abandonada e a floresta reconstituída, há a capoeira, constantemente visitada, pois oferece diversos frutos cujas espécies são o resultado desse manejo agrícola. O sistema garante, assim, uma sucessão ecológica, com a recuperação das espécies vegetais e o florescimento de novas espécies. No entanto, as comunidades passam por processos de sedentarização por causa das construções de escolas e de unidades de saúde, o que tem levado à diminuição do tempo de revezamento, replantio em área de capoeira e a uma extenuação do solo, com uma consequente diminuição da produtividade dos cultivos.

A relação entre as donas de roça do Rio Negro e as plantas cultivadas parece ser do tipo anímico, tal como formulado por Descola (1989), na qual ocorre uma projeção das qualidades humanas para as plantas. Do que tenho observado, no campo inicial dessa pesquisa e desde os meus trabalhos pregressos no Rio Negro com esse tema, as mulheres mantêm uma relação de cuidado com os cultivares, mas notadamente com as manivas, análogo ao de mãe e filhas: é preciso cuidar cotidianamente da roça, fazendo a capina e a *pekuera* para que as manivas cresçam fortes e bonitas, cortar de forma padronizada as estacas e molhá-las enquanto aguardam o replante para que “peguem bem” na próxima roça. Não se deve plantar as manivas em dia de chuva para que não percam seu ‘leite’, conforme apurou Thayná Ferraz (2018). Se a dona da roça (*kupixawara*, em nhengatu) não observa as regras de cuidado cotidiano, as manivas que recebeu de outra mulher, especialmente uma recém-adquirida, retornam para a sua roça de origem. As mandiocas pequenas são como as criancinhas pequenas: se a dona da roça deixá-las para trás, desprezando-as pelo tamanho, elas sobem em um toco e põem-se a chorar. Dentro do contexto dos cuidados, é preciso enfatizar o gosto pela diversidade que as mulheres do Rio

Negro desenvolveram ao longo do tempo: se a região é um foco de agrobiodiversidade, como apontaram os estudos etnobotânicos na região (Emperaire et al. 2010; Eloy 2009), isso se mostra em decorrência de um gosto estético pela diversidade de espécies (Carneiro da Cunha 2005), e de todo o conjunto que envolve a prática em si mesma: diversidade de técnicas de plantio, das histórias e mitos associados, e da paisagem de modo mais amplo.

Outras etnografias amazônicas também trouxeram questões para se pensar essas relações sociais com as plantas cultivadas. Mendes dos Santos (2006) descreve os cuidados dos Enawênê-nawê com a mandioca e o milho, com quem teriam relações análogas de consanguinidade e de afinidade, respectivamente. Segundo o autor, haveria uma troca de fluidos vitais entre plantas e pessoas - mingau, leite e sêmen - para a fabricação dos corpos. Entre os povos tukano, Cristine Hugh-Jones (1979) foi uma das precursoras ao apontar a mesma correlação: a terra seria o útero que alimenta as manivas, enquanto as mandiocas, especialmente no processo de fermentação do caxiri, alimentam e produzem os corpos humanos. Morim de Lima (2016), no mesmo sentido, mostra como os Krahô precisam cumprir uma série de etiquetas sociais com as plantas, incluindo pintar suas estacas de urucum e cantar para que as batatas brotem para as suas donas. Essa autora destaca que as atividades agrícolas são orientadas pela complementaridade entre as tarefas masculinas e femininas, e por isso compreender a roça e todos os saberes associados inclui compreender a fabricação dos corpos, dos objetos e dos alimentos. Em outras palavras, para o Krahô ou para os povos do Rio Negro, a roça e a produção dos alimentos são lugares sociais de produção de gênero, não como algo fixo acoplado às identidades de homens e mulheres, mas sim como relações complementares, baseadas em diferenças interdependentes.

No contexto do Alto Rio Negro, o interesse em aumentar a própria coleção é guiado pelo valor de beleza de uma roça, posto que uma roça bonita é sempre capinada e com grande variedade de manivas. Cada mulher casada é a “dona da roça” responsável por cuidar e alimentar suas manivas, estabelecendo uma relação de consanguinidade com essas plantas. “As manivas são como gente”, explicava-me D. Cecília, desanda do rio Uaupés. “Se ficam mal cuidadas, voltam para a sua roça (casa) de origem”, demonstrando sua capacidade de agência. Elas ouvem e respondem de alguma forma às suas cuidadoras. Continua o relato de D. Cecília: “As “batatinhas” miúdas, quando são deixadas para trás, sobem em cima do toco, chorando porque não querem ficar pra trás”. Além disso, a grande variedade de manivas, em roças bem cuidadas, diz respeito ao valor social (prestígio) de cada mulher em sua aldeia.

No que tange à circulação das manivas intermediada pelas mulheres, a publicação de Janet Chernela (1986), sobre a bacia do Uaupés, foi pioneira ao apontar que “as alianças matrimoniais criam canais que possibilitam a troca de cultivares de mandioca” (Chernela 1986: 157). Essa pesquisa utilizou como unidade de análise a aldeia e não o grupo (citado como ‘tribo’) e aponta que ali, onde prevalece a regra de virilocalidade, as manivas são doadas principalmente pela mãe e viajam, assim, pelo território com as mulheres depois do casamento. No final dos anos 1970, foram levantadas 137 variedades de manivas nas quatro aldeias estudadas (Chernela 1986: 154).

A grande maioria dos cultivares de mandioca foi introduzida por intermédio da mãe ou da irmã da esposa de um membro da tribo, para cuja aldeia ela se transfere, ao casar. (...) As alianças matrimoniais são, portanto, o veículo mediante o qual a mandioca viaja pela bacia do Uaupés e as mulheres são a trama que enlaça unidades tribais distintas (Chernela 1986: 157).

A minha pesquisa seguiu a mesma lógica de estabelecer os locais como unidade de análise, posto que cada comunidade é multiétnica. Não obstante, os meus dados etnográficos não foram elaborados em locais onde a regra da virilocalidade seria muito predominante. Entre os Baré e Baniwa, a uxorialidade é mais presente... e entre os grupos dessano e tukano do baixo Uaupés, o padrão de residência é misto entre uxo e virilocalidade.

Assim, os dados levantados pela minha pesquisa indicam que há dois modelos equiparáveis de doação: um em que a mulher recebe a maioria de suas manivas da sua mãe e outro que ela recebe da sua sogra. Em todos os casos, depois de um primeiro quantitativo suficiente para iniciar, a coleção é incrementada com doações de parentes consanguíneos ou de afins. As visitas a outras comunidades incluem passeios nas roças de outrem e constituem momentos oportunos de receber exemplares de manivas ainda desconhecidas.

Assim, busco atualizar a discussão levantada por Chernela e desenvolvida por Emperaire et al. (2019) com dados de agrobiodiversidade produzidos durante minha pesquisa de doutorado, expostos em duas redes moduladas a partir do programa computacional *Pajek*. A segunda rede apresenta uma aproximação dos dados por cada comunidade/rio. Como podem ser percebidas as circulações de maniva entre as mulheres doadoras? Notamos que as mulheres que possuem mais variedades de manivas em suas roças são aquelas que estabelecem quantidade mais expressiva de relações sociais.

Na segunda, as 150 variedades de manivas identificadas estão em relação com os quatro locais da pesquisa etnográfica no Alto Rio Negro, a saber: uma comunidade no rio Uaupés, duas no rio Negro, uma no Içana e uma no rio Aiari. Observar as manivas compartilhadas por duas ou mais calhas de rio ajuda a refletir sobre as dinâmicas de relações entre as regiões que compõem o Alto Rio Negro.

Por “variedade”, seguimos com a formulação proposta pela etnobotânica Laure Emperaire, segundo a qual é definida partir do entendimento de agricultores locais: “um conjunto de plantas suficientemente semelhantes entre si e suficientemente diferentes das outras para poder receber um nome próprio e ser objeto de um manejo diferente. Trata-se da unidade mínima de manejo da diversidade agrícola” (Emperaire & Eloy 2008: 204). Assim, na condição de antropóloga, estou levando adiante as diferenças encontradas nas manivas do ponto de vista das minhas interlocutoras.

Rede de trocas entre mulheres

Numa outra modelagem de rede, temos uma escala menor do que a rede anterior, na qual podemos enxergar as trocas entre as mulheres (e alguns homens) que fazem doações de manivas entre si. As linhas indicam a doação de manivas com a seta apontada para quem recebe. Os pequenos números indicam a quantidade de manivas doadas naquela relação específica. Apresento, aqui, uma rede com os dados de uma comunidade no baixo Uaupés e uma com os dados de uma grande comunidade (distrito) do baixo Içana.

Assunção do Içana fica a 6 horas de distância de São Gabriel da Cachoeira. Trata-se de um distrito fundado pelos padres salesianos, nos anos 1950, cerca de 2 ou 3 décadas depois dos distritos no triângulo tukano (Taracuá, Pari Cachoeira, Yauaretê). De todas as comunidades em que fiz pesquisa, essa é a maior. Estima-se que existam hoje 73 famílias, totalizando aproximadamente 500 pessoas.

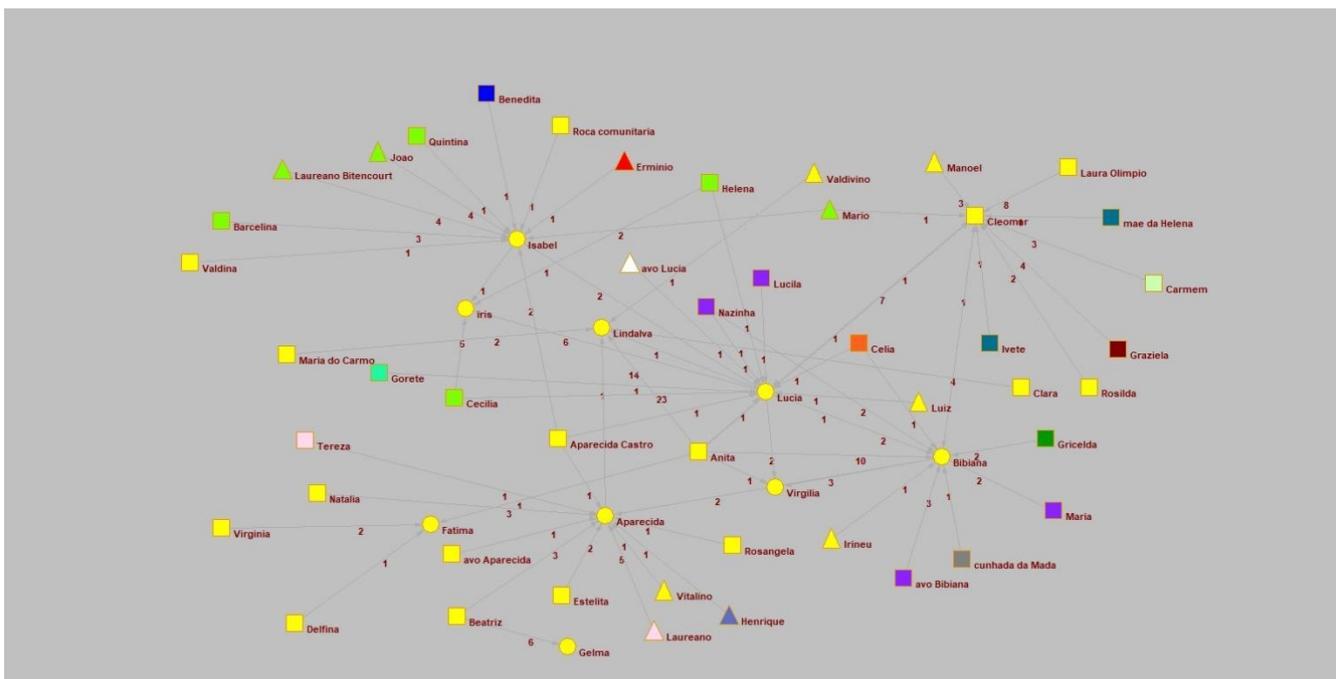


Figura 1 Rede de trocas entre mulheres em Assunção do Içana, baixo rio Içana.

Lúcia é a mulher que mais tem manivas no total de Assunção a partir de 16 relações, sendo que a maior parte foi herdada de sua mãe Cecília, moradora da comunidade Auxiliadora. Num outro extremo, podemos ver Gelma isolada na rede que mantém em sua roça somente as manivas recebidas de sua sogra Beatriz. Gelma veio de Ucuqui Cachoeira, casou-se ao final do ensino médio feito em Assunção e não pode, devido à distância, retornar para a sua comunidade de origem e trazer mais manivas.

Anita é a principal doadora dessa rede. Ela não recebe nenhuma maniva porque quando eu fiz a pesquisa ela era uma senhora de mais de 90 anos que não mantinha mais suas roças. Portanto ela aparece nos dados como uma doadora que fez ao todo 27 doações de manivas em 5 feixes de relações: 14 para a sua filha Lindalva, 10 para sua irmã mais nova Bibiana, 1 para Fátima, esposa do filho de seu marido, 1 para Lúcia, esposa de seu irmão mais novo e 1 para Virgília, filha de sua irmã Bibiana. Lúcia e Bibiana, cunhadas, têm uma relação de reciprocidade direta com as manivas assim como Cleomar e Lúcia. E Nazinha, irmã mais velha de Bibiana, de Ucuqui Cachoeira, aparece como doadora dupla de Bibiana e Lúcia, sua cunhada.

É bem diversificada de lugares que originam as manivas, indicando a circularidade intensa de manivas na bacia do Rio Negro que extrapola bastante os limites territoriais de cada

comunidade. A maior parte vem das imediações do Içana. Veja abaixo a tabela com os locais de doação.

Assunção
Auxiliadora
Pirayawara
Cubate
Ucuqui Cachoeira
Maraiuíá
São Gabriel Cachoeira
Carará Poço
Santa Cruz
Castelo Branco
Manaus
Venezuela
São Pedro, rio Negro médio Rio Negro Juruti

Uaupés

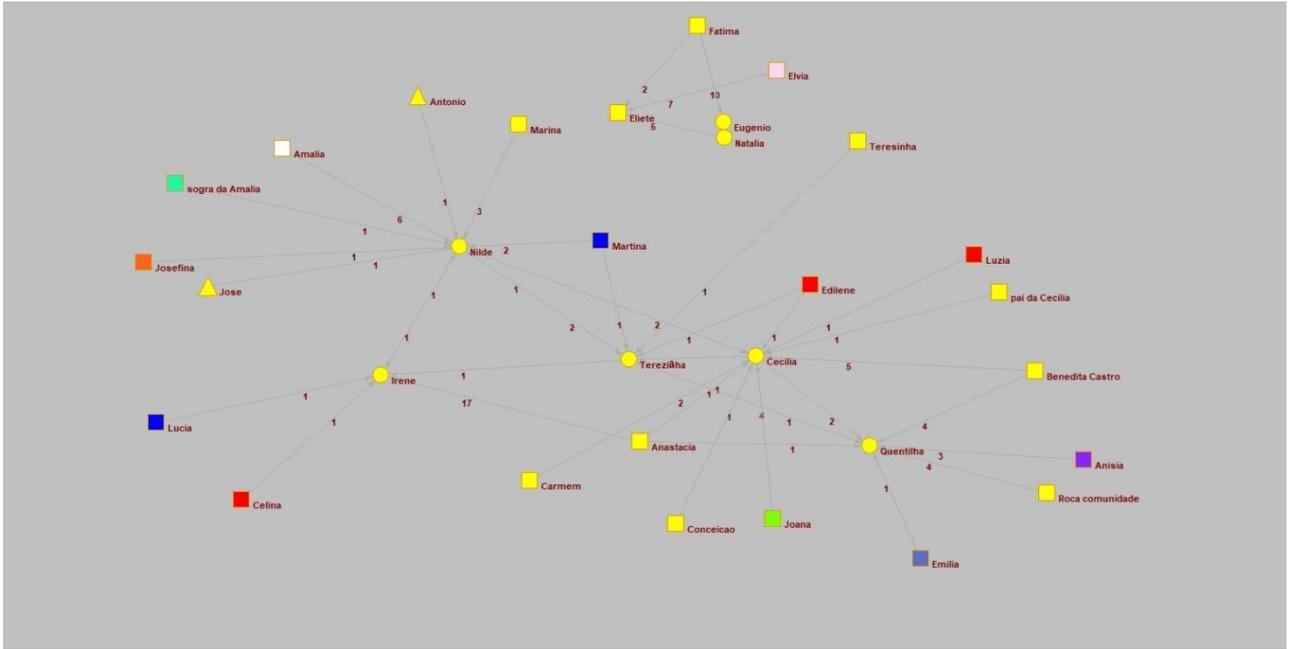


Figura 2 rede de trocas de manivas entre pessoas no baixo Uaupés.

Os locais: yauaretê e taracuí representados, bem como São Gabriel da cachoeira. A maior parte vem da mesma bacia de rio. Veja abaixo a tabela.

- matapi
- sítio Tauá, Uaupés
- Yauaretê
- Taracuí
- Cunuri
- Monte cristo, foz do Uaupés
- São Luiz, Rio Negro próximo
- a SGC
- São Gabriel
- Ipanoré
- sítio prox SGC

Cecília e Tereziinha que são irmãs, não precisaram sair de sua comunidade para se casar. Isso quer dizer que se manteve as regras de exogamia linguística e virilocalidade, mas sem o deslocamento da mulher.

Do total de trocas nessa comunidade, 31% correspondem a doações feitas pela sogra em contraste com 12,5% de doações da mãe. 11,5% são doações da irmã e o mesmo quantitativo para doações vindas da esposa do irmão. Portanto, as relações entre afins predominam na passagem dessas manivas. Irene e Eliete são os exemplos desses dados. Cecília também tem fontes bem diversificadas, mas a sogra é a maior fonte (5 manivas). Irene tem pouca diversificação... a grande maioria é da sogra (17). Eliete tem 2 sogras – uma finada e outra atual. A soma das duas dá o mesmo quantitativo de manivas doadas pela sua mãe. Nilde já representaria o modelo visto por Chernela: a maior parte de suas manivas são da linhagem de consanguinidade: doadas pela irmã. Há um caso de troca direta: Nilde e Irene

Quentilha é a mulher que mais recebeu manivas da mãe, mas a doação total é bem diversificada.

E tenho dados pouco descritos da literatura que correspondem a doações entre marido e esposa: Nilde recebeu 3 manivas de seu marido oriundas das roças que mantinha quando solteiro. E Eugênio mantém 10 manivas que herdou de sua falecida esposa, Fátima.

Relações de manivas e lugares

Nessa análise, trabalho com as 150 variedades de manivas levantadas nos quatro locais da pesquisa. Em campo, consegui coletar informações de 32 mulheres, ao todo, sendo que reuni as seguintes informações de boa parte das donas de roça: o nome da variedade guardada, a cor da sua raiz, o nome da doadora, o parentesco ou a relação, e a localização geográfica dessa doadora. Por “variedade”, seguimos com a formulação proposta pela etnobotânica Laure Empeaire, segundo a qual é definida partir do entendimento de agricultores locais: “um conjunto de plantas suficientemente semelhantes entre si e suficientemente diferentes das outras para poder receber um nome próprio e ser objeto de um manejo diferente. Trata-se da unidade mínima de manejo da diversidade agrícola” (Empeaire & Eloy 2008: 204). Assim, na condição de antropóloga, estou levando adiante as diferenças encontradas nas manivas do ponto de vista das minhas interlocutoras.

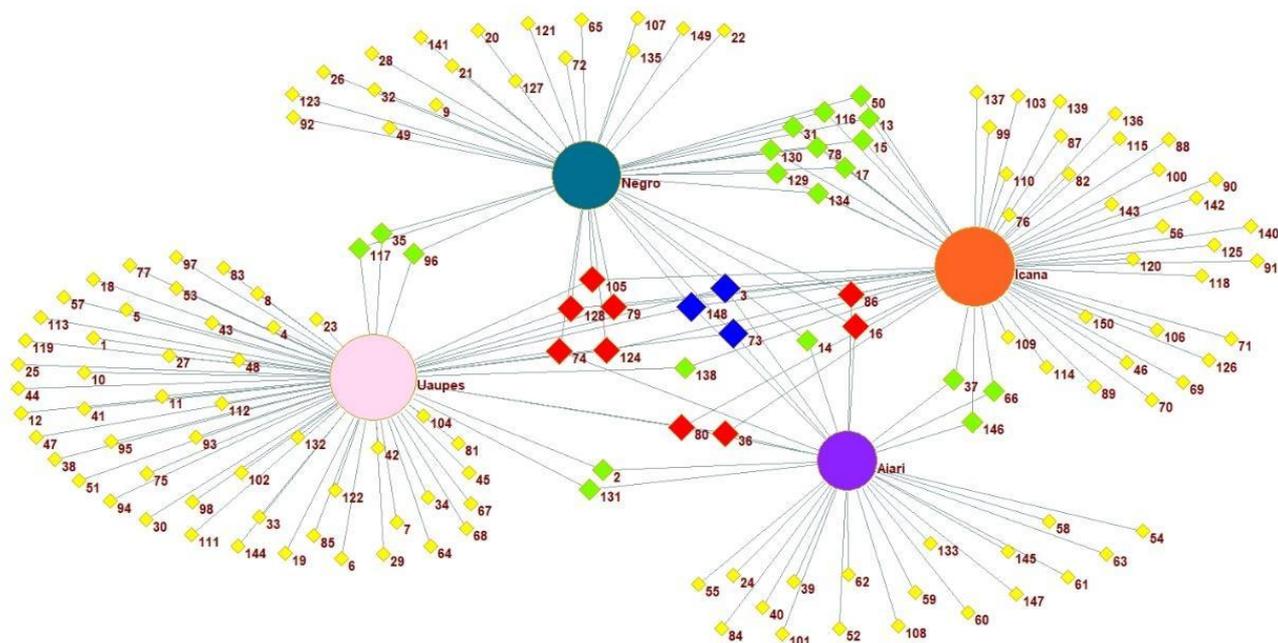


Figura 3 Rede de trocas entre manivas e lugares no Alto Rio Negro.

Registrei os nomes das manivas, sempre que possível, no português e na língua indígena. Para as manivas que possuem o mesmo nome em português – por exemplo “paca” ou “açái” – eu considerei metodologicamente como sendo a mesma maniva, ainda que seja possível encontrar variações morfológicas, do ponto de vista local ou científico. E o inverso é verdadeiro: para duas manivas que porventura sejam as mesmas em suas características morfológicas, considero distintas caso tenham nomes diferentes em português. Também enquadrei em somente uma variedade os nomes muito semelhantes tais como ‘wapixuna’ e ‘iapixuna’ ou nomes bem distintos mas reconhecidos pelas agricultoras como sendo a mesma maniva, tal como ‘seis meses’ e ‘lore’. Estou ciente de que há uma margem de erro dos dados apresentados, mas certa que seria menor do que o ganho em refletir sobre um conjunto amplo de plantas cultivadas. De todo modo, ressalto ainda que o número total encontrado na minha pesquisa é bem próximo ao número registrado pela pesquisa de etnobotânica realizado nas regiões do alto e médio Rio Negro nos anos 1990 e início de 2000. Emperaire e Eloy (2008) afirmam que do total de suas pesquisas foram citadas 191 manivas, das quais excluídas manivas sem nome ou com duplo nome, chegando ao total de 142 qualidades de maniva, para um grupo de 32 agricultoras (2008: 204).

As 150 manivas estão representadas por losangos, nos quatros lugares da pesquisa, representados pelos círculos nomeados. As cores dos losangos indicam o número de conexões: as manivas apresentam a cor amarela quando estão em somente um local, verde quando estão em dois locais, vermelha em três e azul quando estão nos quatro locais da pesquisa. Do total de 150, somente três manivas estão presentes nas quatro calhas de rio: são as manivas açai, micuim e yurará. Existe também uma maniva “paca” nas quatro calhas de rio, porém ela apresenta a raiz de cor amarela no Uaupés, Negro e Içana e a raiz de cor branca no Uaupés, Içana e Aiari ⁵.

Encontramos nove manivas presentes em três regiões (losangos vermelhos), sendo que a maior interseção corresponde a cinco manivas presentes no Uaupés, no Negro e também no Içana. Os locais de pesquisa em cada um desses rios são aproximadamente equidistantes de São Gabriel da Cachoeira, cidade onde existem roçados periurbanos que servem de berço multiplicadores das estacas, que são reenviadas para outros locais, conforme se estabelecem novas redes de relação. Emperaire e Eloy (2008) já apontaram como a cidade se tornou um foco de agrobiodiversidade em decorrência dessa ampla circulação de famílias indígenas que tem residências temporárias ou definitivas em São Gabriel.

Além disso, no rio Negro e no rio Içana encontra-se a presença pontual, porém constante de famílias oriundas do “triângulo tukano” (termo referente à área geográfica delimitada pelos três distritos salesianos na bacia do Uaupés: Taracuá, Yauaretê e Pari-Cachoeira), sobretudo em decorrência das vagas de professores nas escolas desses rios ocupadas por professores do grupo tukano oriental. Essa prerrogativa de deslocamento de residência possibilita a troca de cultivares.

Em contraste, há somente uma maniva (n. 74) entre Negro, Uaupés e Aiari, que são os locais mais distantes geograficamente. Aqui cabe um desdobramento geográfico: os dados do Uaupés provêm de sua porção baixa, bem distante do alto Uaupés que se conecta com a cabeceira do rio Aiari por via terrestre (conferir no mapa), de modo que manivas do baixo Uaupés podem ir ou vir do alto Uaupés e de lá circularem para a cabeceira do rio Aiari.

Os dados levantados do rio Negro (em duas comunidades) expressam 42 variedades de manivas, sendo mais da metade (24) compartilhadas com outras bacias, das quais 10 manivas são diretamente trocadas com o baixo Içana. Assunção do Içana, por sua vez, guarda 56 variedades de maniva, sendo 39% compartilhadas com outras regiões. Já o rio Aiari apresenta

⁵ Esse é um exemplo que elucida o problema das nomeações, pois eventualmente pode haver sobreposição de um termo para tipos vegetais distintos ou de diferentes termos para a mesma variedade.

32 manivas, sendo 14 delas (43%) também presentes em outros rios. Por fim, os dados do Uaupés apresentam o maior número desse estudo com 67 variedades, sendo 14 manivas correspondentes a cultivos no rio Tiquié de uma mulher, recentemente emigrada para Matapi. Natália da etnia Barasana, a dona desse conjunto de manivas, casou-se (após a viuvez) em Matapi e mantém vínculos de consanguinidade em São Pedro do Tiquié, revisitando regularmente sua aldeia anterior e mantendo, através das filhas, a reprodução das suas primeiras manivas e cuidando cotidianamente das manivas de seu atual marido. Optamos por inserir aqui esses 14 nomes, embora a pesquisa não contemple o Tiquié, a pedido de Natália e por considerar que se trata de uma mesma bacia hidrográfica e cultural. Exclusivamente na comunidade Matapi, encontra-se, portanto, 53 variedades, sendo 16 compartilhados com outras regiões da pesquisa. Janet Chernela (1986) foi pioneira ao apontar que na bacia do Uaupés, onde prevalece a virilocalidade, as manivas viajam com as mulheres através dos casamentos, posto que embora a coleção de manivas de uma dada mulher possa vir de várias origens, a maioria é herdada da mãe ou da irmã da mãe por ocasião do casamento. Esses dados específicos das trocas dentro de cada comunidade/aldeia serão discutidos na próxima rede.

Charles Clement (1999) em seus estudos de ecologia e genética afirma que a região do Rio Negro, especialmente à montante, é um foco de diversificação de plantas cultivadas, sobretudo a *manihot esculenta*. Emperaire e Eloy (2008) no mesmo sentido apontam uma maior diversidade à montante quando comparam dados do Médio Rio Negro e do Alto Rio Negro. No entanto, quando as amostras são exclusivamente levantadas no Alto, observamos que não necessariamente quanto mais à montante, maior a diversidade. Na bacia do Içana, os dados apontam uma inversão dessa ideia. A pequena concentração de manivas no Aiari contrasta com a significativa variedade em Assunção do Içana, à jusante. Para entender isso, levanto dois aspectos: 1) Assunção é um dos distritos semiurbanos do Alto Rio Negro, congregando diferentes instituições: polo de saúde, colégio do ensino médio e igreja, com residência para o padre e um seminário para freiras salesianas. Assim, atraiu, ao longo dos anos, desde a sua fundação, muitos grupos locais que moravam em sítios da região. O trio escola/saúde/religião formam um grande atrativo para congregar muitas famílias no mesmo local. Além disso, Assunção está numa posição geográfica favorável de parada dos viajantes do médio/alto Içana a caminho da cidade que, por vezes, pernoitam em Assunção. 2) A variedade de manivas em Ucuqui é inversamente proporcional à diversidade de outros cultivos. Além das pimenteiras, abacaxis e bananas que são comuns em todas as roças do Alto Rio Negro, no alto Aiari há uma presença marcante de milho, araruta, diferentes carás e batatas, coca... os quais inexistem ou

são residuais alhures. Isso nos faz pensar que a alimentação à base de produtos agrícolas (e silvestres) é mais diversificada e a noção de beleza da roça não está calcada na diversidade exponencial de manivas especificamente, mas sim de outros cultivares.

Ao olharmos para as dez variedades compartilhadas entre Negro e o baixo Içana, podemos pensar no compartilhamento linguístico e cultural existente, pois se trata exatamente do território nheengatu do Alto Rio Negro. O nheengatu, língua introduzida pelos padres, predomina no alto e médio curso do rio Negro, e também no rio Içana desde a foz com o Negro até o distrito de Assunção, de modo que nesse território há uma intensidade de relações e casamentos, fazendo circular igualmente manivas e outras práticas do modo de preparo dos alimentos (cf. *infra*).

Das três variedades compartilhadas entre o Aiari e o Içana, possivelmente isso deve ao fato de que a Assunção recebe jovens de Ucuqui Cachoeira (que são católicos, diferentemente da população evangélica do médio e alto Içana, e do Aiari) para estudarem no colégio do ensino médio. Esses jovens fixam residências de 3 anos, nas casas dos parentes diretos, recebendo visitas regulares do seu núcleo familiar, que podem trazer manivas e produtos da roça, e ainda por vezes se fixam em Assunção depois de casamentos.

Referências

- CHERNELA, J. 1983. “Estrutura social do Uaupés”. *Anuário Antropológico*, 81: 59-69.
- CHERNELA, J. 1986. “Os cultivares de mandioca na área do Uaupés”. In: RIBEIRO, B. (org.), *Suma etnológica brasileira, volume 1: Etnobiologia*.
- EMPERAIRE, L. et al. 2019. *Sistema agrícola tradicional do Rio Negro*. Brasília: IPHAN (Dossiê 19).
- EMPERAIRE, L. & ELOY, L. 2008. “A cidade: um foco de agrobiodiversidade”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Humanas*, 3(2): 195-211.
- EMPERAIRE, L., Van VELTHEM, L. & OLIVEIRA, A. G. 2012. “Patrimônio Cultural imaterial e sistema agrícola no médio Rio Negro – Amazonas”. *Revista Ciência & Ambiente*, 44: 141-154.
- HUGH-JONES, S. [1979] 2013. *La Palma y las pleyades. Iniciación y cosmología noroccidental*. Bogotá: Ediciones Universidad Central.
- LASMAR, C. 2005. *De Volta ao Lago de Leite: gênero e transformação no Alto Rio Negro*. São Paulo: Editora UNESP; ISA/Rio de Janeiro: NUTI.

RIBEIRO, B. 1995 *Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo*. São Paulo: Companhia das Letras/EDUSP.